
O alto custo do consumo excessivo de papel

Ao analisar os processos de destruição ambiental, identificam-se, geralmente, uma série de causas, que se classificam em diretas e em subjacentes. Por exemplo, uma das causas diretas da destruição de florestas é sua conversão em monoculturas de soja (Brasil, Paraguai), de dendezeiros (Indonésia, Malásia, Papua Nova Guiné, Colômbia), de pinheiros (Chile), de eucaliptos (Brasil, Equador). Contudo, por trás dessa causa facilmente identificável há outras- as subjacentes- que foram as que, definitivamente, determinaram e fizeram possível essa conversão.

Tais causas subjacentes podem ser variadas e estar inter- relacionadas: a abertura das estradas que permitiram o ingresso das empresas à floresta; os créditos da Banca Multilateral que viabilizaram a construção dessas estradas; as pressões do Fundo Monetário Internacional para aumentar as exportações para o pagamento da dívida externa; o assessoramento da FAO e outros organismos de “cooperação” na promoção dessas culturas; a promoção dos agrocombustíveis pela União Européia, entre outras.

Contudo, quase todos os processos de destruição ambiental partilham uma mesma causa subjacente: o consumo excessivo. Os exemplos a esse respeito são profusos. A destruição social e ambiental de indústrias como a petroleira, mineira, madeireira ou camaroneira já tem sido amplamente documentada. Se bem os produtos assim obtidos são consumidos em muitos países, o principal consumo tem lugar em um número relativamente pequeno de países: os Estados Unidos, o Japão e os membros da União Européia, por citar os mais óbvios. Esse consumo constitui então a causa subjacente comum da destruição dos territórios e meios de sobrevivência de numerosas comunidades do mundo.

No caso do papel e do papelão, o consumo mundial já tem ultrapassado de longe o limiar da sustentabilidade. Contudo, a indústria que disso se beneficia pretende incrementá- lo ainda mais. Contrariamente ao que afirma a publicidade das empresas, esse aumento não visa satisfazer as reais necessidades de papel das pessoas, e sim a aumentar o uso de papel e papelão para embalagem, que constitui mais de 50% do total produzido. Ao mesmo tempo, o aumento também não visa produzir mais livros de texto ou cadernos, e sim a inventar novas “necessidades” de produtos descartáveis (por exemplo, copos, toalhas de mesa e guardanapos de papel), que após um único uso passam a alimentar as montanhas de lixo nos países ricos.

Um consumo desse tipo de papel e papelão exige um fornecimento contínuo de enormes quantidades de matéria- prima abundante, homogênea e barata. Para isso, a indústria papeleira apelou inicialmente a uma fonte de matéria- prima que parecia inesgotável: as florestas localizadas na Europa, Japão, Estados Unidos e Canadá. Contudo, o consumo excessivo determinou que esse recurso começasse a se esgotar e a indústria passou então a instalar grandes monoculturas de árvores de rápido crescimento (eucaliptos, acácias, pinheiros), que resultaram na destruição de florestas e pradarias de países do Sul (e inclusive de algumas regiões do Norte). Essas plantações, em contínua expansão, agora estão passando a ser sua principal fonte de matéria- prima para a produção de papel. Mais recentemente, a indústria tem começado a deslocar a produção de celulose para o Sul- nos arredores das plantações de árvores- a fim de abastecer suas plantas de papel

localizadas perto dos principais mercados: no Norte consumidor.

Esse deslocamento tem vários objetivos, o primeiro deles é o barateamento dos custos através do acesso a terra barata (além de ser onde as árvores crescem 10 vezes mais rapidamente que no Norte), mão-de-obra barata, apoio governamental e escassos controles ambientais. O segundo objetivo, vinculado ao primeiro, consiste em aumentar a produção de celulose barata, para poder assim criar novas "necessidades" de consumo de papel. Ao atingir esses dois objetivos é possível alcançar o terceiro e mais importante: aumentar os lucros da indústria.

Contudo, esses custos economicamente "baratos" para as empresas resultam social e ambientalmente muito caros para aqueles que os sofrem. O avanço das plantações e as fábricas de celulose vem sendo resistido por inúmeras populações locais na África, Ásia e América Latina, que se vinculam a organizações e processos no Norte para agirem em forma mais coordenada. A fim de colaborar nesse processo, nesta edição do boletim incluímos uma seção especial sobre a questão do consumo de papel, que esperamos que seja útil para tod@s @s que estão envolvid@s- tanto no Sul quanto no Norte- nessa luta.